

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA
Propriedade da Confederação Geral de Trabalho
Editor—Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
ANO V—Número 1.463
Sábado, 1 de Setembro de 1923
PREÇO — 20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa—PORTUGAL
TELEFONE—5339-C
Officinas de impressão—Rua da Atalaia, 111 e 113

O MINISTRO DIZ-SE PARTIDÁRIO DUM
TIPO ÚNICO E DECRETA OS TRÊS TIPOS
SE ACONTECESSE O CONTRÁRIO O LUCRO
PARA A POPULAÇÃO SERIA EVIDENTE

UMA GRANDE LIÇÃO!!!

O povo que moureja, que se estiola vergado ao peso de toda a casta de especuladores e esfaimadores, aprendeu na última greve o quanto tem a esperar dos governos, e até que ponto é defendido pela imprensa.

A triple e sinistra "entente"—agricultura, moagem e panificação—armando o salto ao bolso do povo consumidor, teve a seu lado o governo e a imprensa que hipocritamente se afirmam representantes e defensores do povo.

O governo traiu o povo, a imprensa traiu a sua missão!

O ministro da Agricultura, como agricultor, defendeu os seus interesses contra os do povo. A maioria dos jornais, assalariados das moagens, defenderam os seus donos!

E agora? O que resta ao povo?

Esperar ainda da República? Confiar ainda nos governos?

E' pôr termo a ilusões! A República transformou-se em caverna, os governos em seus dignos possuidores e o povo é a eterna vítima de todos os assaltos.

Em nome da "economia nacional" o povo é roubado; em nome da ordem espancam-no; em nome da pátria e da república é entregue à exploração dos altos ladrões internacionais.

Que fazer? O que resta pois?

O povo que pondere e se organize por classes para assegurar a sua defesa. Que todos, manuais e intelectuais, acorram aos seus sindicatos e que os organizem aqueles que ainda os não têm.

Será essa a única forma de resistirem à ladroagem que transformou o país num extenso "pinhal da Azambuja".

Agora é a imprensa venal e asquerosa, que insinua que a causa do povo foi traída pela Organização Operária, cujos militantes se venderam à Moagem...

MENTIRA! MENTIRA! MENTIRA!

A greve foi o que pode ser, o que as circunstâncias permitiram!

Moralmente, o povo saiu vitorioso!

Os militantes operários não se vendem como qualquer ministro!

A BATALHA, que é o único jornal que sinceramente defende o povo, não mergulha na lama em que os seus detractores chafurdam. Impávida e ativamente prosseguirá na sua missão de preparadora duma nova era de felicidade comum.

Acusar "A Batalha" ou os militantes operários de vendidos, é colaborar numa campanha de traição!

PORTANTO: SERENIDADE, FIRMEZA E ORGANIZAÇÃO!

TERREIRO DO PAÇO, MOAGEM & C.ª

As contradições do sr. ministro

Enquanto se diz defensor do tipo único estabelece os lucros da Moagem sob a base dos três tipos

O sr. Joaquim Ribeiro é homem de grandes contradições. Diz uma coisa e faz outra. Pensa o que diz ou o que faz? Eis o que não podemos averiguar num ministro como este, tão dominado pela incoerência. Mas, o que é grave, o que é gravíssimo, é que as contradições do ministro da Agricultura não são meras levandades políticas que interessem e afectem determinados grupelhos políticos. As suas contradições causam prejuízos enormíssimos à população e reverterem em estupendos lucros para a Moagem.

O ministro da Agricultura declarou há dias aos jornais que se podia criar um tipo único de pão ao preço de 1540.

A parte o preço que reputamos e com sérios fundamentos, exagerado, o tipo único de pão harmonizava os desejos da população. Pois o ministro que defende o tipo único é a mesma criatura que consente à Moagem a famosíssima criação dos três tipos. Trata-se dum homem que erra e que ao mesmo tempo declara conhecer a verdade, reconhecer a justiça. A população reclamou no movimento por ela proclamado o tipo único. E o ministro em vez de atender esse protesto que ele sabia sancionado pela opinião pública recusou-se obstinadamente a mudar a sua orientação que tam fartos benefícios dá à Moagem.

Não é preciso ir muito longe para vislumbrar o objectivo da atitude paradoxal do ministro. E' o antigo e desacreditado sistema de governo ludibriar os governados com a mentira. Mas hoje quem acredita nas promessas dum ministro? Ninguém. Todos ligam aos sonsatos e unicamente a esses, sem fazerem o menor caso das suas palavras. De modo que as declarações do ministro da Agricultura nada beneficiam, pois que ainda mais o comprometem moralmente.

Quando se produziu aquela repressão que pejou de operários o forte do S. Julião da Barra, nós dissemos que ela seria o prólogo dum assalto em forma às bolsas dos consumidores. Esse assalto era o projectado encarceramento do pão. Os factos vieram dar-nos, abundantemente razão. Os operários foram parar a S. Julião da Barra e o pão sofreu um aumento sensível no seu preço.

A confirmar essa nossa previsão não são únicas provas o aumento do pão e o encarceramento dos operários. Há ainda uma outra prova, aliás bastante importante, a acrescentar-lhe. Cifra-se essa prova na nota vinda a público, por meio dos jornais. Nessa nota anunciava-se o aumento do pão e a adopção de medidas repressivas contra os chamados agitadores profissionais. Era o plano desvendado-se, depois de realizado.

E' pois em holocausto à Moagem que em S. Julião da Barra se encontram operários detidos sem culpa formada.

Estes factos mostram-nos, põem em plena luz, a podridão de que está ovada a sociedade. A transigência dos governos com os monopólios, é evidente. Dessa transigência nasceu a impunidade dos especuladores e a miséria em que se debatem os consumidores.

Bárbaros! Bárbaros!

No governo civil agredem-se brutalmente os presos que lá caem

Daniel Severino foi espancado com grande violência

Acusado de ter atentado contra o delator António Duarte, que antecederam o Rossio, varado por balas justas, encontra-se preso o operário Daniel Severino.

A morte desse indivíduo deixou-nos indiferente. O nojo que por ele tínhamos quando andava na sua tarefa repugnante de delator, desapareceu logo que o telefone nos comunicou ter caído varado por algumas balas de pistola.

Mas se um dia nos fôsse proporcionado o ensejo de ter o António Duarte, desarmado, preso, completamente indefeso, à nossa disposição, não seríamos capazes, a despeito do natural ranco que lhe tínhamos, de tocar-lhe num cabelo sequer. A sua repugnante atitude moral assumida na vida, nunca nos daria o direito de agredido, de massacrado, de martirizado.

No dia em que tal fizéssemos, toda a razão de defesa que tivéssemos contra esse que em vida foi um asqueroso ministro, se desfaria como fumo.

E, por pensar-mos assim, insurgimos-nos com toda a veemência contra os barbarismos revoltantes que se praticaram ontem no Governo Civil.

Daniel Severino foi agredido com a mais brutal das violências, com o mais revoltante dos cinismos. As agressões foram de tal maneira brutais, que o preso teve de ser curado no posto. Levaram a sua ferocidade até ao cúmulo de lhe darem pontapes nos testículos, na intenção certamente de matá-lo.

E fazem-se destas barbaridades em plena república, no regime daquelles que no tempo da monarquia berravam constantemente que a vida dum preso é sagrada, que num detido ninguém tem o direito de bater.

Segundo as informações que nos forneceram, o agente Amado foi um dos que mais se distinguiram na bárbara façanha. E' preciso ter-se muito poucos sentimentos, possuir-se uma verdadeira alma de cobarde para se praticar crimes tam hediondos, com a impunidade assegurada!

Não é, infelizmente, a primeira vez que sucessos destes se dão no Governo Civil e nas escuras e onde presos de delicto social tem a pior sorte de cair. E não tivemos notícia de que as autoridades superiores se incomodassem com isso. Pelo contrário, parece que se resignam com tantas barbaridades.

O governador civil e o comandante da polícia, após estes atentados contra a lei e contra a vida sagrada dos presos, pela qual são responsáveis e da qual lhe podem pedir contas, dormem os seus sonhos plenamente descançados.

Esse sossego de espírito perante os mais repugnantes gestos dos seus subordinados, revela o carácter dos dirigentes da polícia. Que corrupção moral!

A polícia, procedendo como procede, pensaria já nos ódios profundos, surdos, arreigados, cuja explosão um dia será formidável, que contra si está criando?

Não sabemos se as autoridades superiores tem conhecimento das palavras que o agente Humberto Ferreira dirigiu ao preso Daniel Severino; não sabemos se o governador civil teve conhecimento das agressões praticadas pelo mesmo agente. Sabemos, entretanto, que o sr. Tavares Figueira foi uma das pessoas que interveio na ocasião em que lhe o agredia.

A esta hora o sr. Humberto Ferreira que praticou um atentado contra um dos princípios fundamentais da Constituição deve passar à vontade, ufano do seu gesto. E é com gente como ele que o governo há de querer reprimir a justa revolta dos roubados, dos escravizados e ludibriados.

Com o nosso silêncio façanhas como a que se praticou no governo civil não se praticarão mais. Aqui erguemos o nosso veemente protesto; na esperança de que as nossas palavras não serão levadas pelo vento!

Notas e Comentários

O crime das consagrações

A Câmara Municipal do Porto atacou-se duma mania perigosa: consagrar Junqueiro. Nunca acreditamos no entusiasmo da poesia por parte dos municípios. O entusiasmo pode surgir da compreensão. Que percebem disso os municípios que dão às cidades e vilas os peores crimes de estética? Nada. A's vezes querem mostrar-se entendidos, impregnados e até entusiasmados. Desse erro hipocrita nasce este erro perigoso: a consagração.

Junqueiro vai ser por um decreto obrigado a leitura e a recitação nas escolas primárias. Para torturar as crianças por força-las à absorção didáctica de duas poesias. Pobre Junqueiro! Vai concitar o ódio justo da infância. Culpa da perigosa mania da edilidade portuense!

O sr. Augusto de Castro, consagrado genios e talentos prestes a agonizar. Ainda a consagração vinha a morte. Apesar disso era menos perigoso: não bulia na obra. A Câmara Municipal ultrapassou Augusto de Castro. Não conseguindo matar Junqueiro porque já se decompondo num cemitério, inicia o ódio em torno dos seus versos.

Os landins

Estão em Lisboa, landins, dez landins que, como número de grande sucesso, ingressar no programa das comemorações da campanha do sul de Angola.

O mostrengo

A estação do Sul e Sueste, era aquela barracão prestes a apodrecer, decorado a lixo e imundície. Não tinha estética, não tinha conforto, não tinha amplitude — o mostrengo. Pois o mostrengo vai desaparecer. Assim o deliberaram as chamadas estações oficiais. Nova estação vai ser construída com a lentidão da praxe no Cais da Alfândega. Mas, essa estação não virá a ser qualquer atentado à estética. Não se irá, repentinamente, deitar a baixo um mostrengo, para elevar outro?

AMANHÃ, NO PORTO

Inaugura-se o Congresso dos Empregados no Comércio

Uma ordem de trabalhos que comprova a actividade e a boa orientação da sua comissão organizadora

Inicia amanhã, na cidade do Porto, os seus trabalhos o VIII Congresso dos Empregados no Comércio.

Essa reunião magna vai discutir assuntos de grande interesse para o futuro associativo da classe, visto que se vai ocupar de apreciar teses referentes ao aperfeiçoamento da sua organização.

Além desses assuntos, outras teses serão discutidas e estas referentes aos interesses morais e económicos duma das classes mais numerosas que é também uma das mais exploradas e escravizadas.

A questão internacional vai ser devidamente apreciada. A discussão sobre ela vai incidir sobre a

com certeza renhida, o que prova mais do que qualquer discordância que os militantes dos empregados do comércio sabem compreender a grande importância que reveste a posição a tomar pelo proletariado português em face do movimento internacional de emancipação.

Todas estas razões são compatíveis da grande actividade existente entre os militantes da organização do caixeiro que sabem pôr-se de acordo com as necessidades e deveres da hora presente.

Passamos a publicar a ordem de trabalhos do congresso que amanhã se inaugura:

DIA 2

A's 12 horas — sessão preparatória

Ordem do dia

1.º — Apresentação dos pareceres sobre verificação dos mandatos; 2.º — Leitura, discussão e votação do regulamento do Congresso; 3.º — Nomeação da mesa para a sessão inaugural.

A's 14 horas — Sessão inaugural. (1.ª sessão)

Ordem do dia

1.º — Leitura, discussão e votação da acta da sessão preparatória; 2.º — Sanção ao Congresso pela delegação da União dos Empregados no Comércio do Porto; 3.º — Nomeação da Comissão de pareceres; 4.º — Leitura, discussão e votação do relatório do Conselho Geral (Zona Norte) da F. P. E. C.; 5.º — Leitura, discussão e votação do relatório do Conselho Geral (Zona Sul) da F. P. E. C.; 6.º — Leitura, discussão e votação do relatório da Junta Executiva (Zona Norte) da F. P. E. C.; 7.º — Leitura, discussão e votação do relatório da Junta Executiva (Zona Sul) da F. P. E. C.

A's 20 horas — 2.ª sessão

Ordem da noite

1.º — Leitura, discussão e votação da acta da sessão inaugural; 2.º — Leitura, discussão e votação dos pareceres elaborados pela respectiva comissão; 3.º — Leitura, discussão e votação do relatório do Coiré de Resistência dos Caixeiros Portugueses; 4.º — Leitura, discussão e votação da tese "Nova estrutura da organização, elaborada por Elísio Esteves e Américo Felgueiras; 5.º — Leitura, discussão e votação do novo estatuto da F. P. E. C., da autoria do Conselho Geral da Zona Sul; 6.º — Nomeação da mesa para a sessão seguinte.

DIA 3

A's 10 horas — 3.ª sessão

Ordem do dia

1.º — Leitura, discussão e votação da acta da sessão anterior; 2.º — Leitura, discussão e votação dos pareceres elaborados pela respectiva comissão; 3.º — Leitura, discussão e votação da tese "Salário Mínimo" elaborada pela Junta

O MOVIMENTO DE PROTESTO

As calúnias da imprensa burguesa — Um «vampiro tentaculoso»

O movimento de protesto que o povo consumidor levou à prática contra o aumento do preço do pão, continua a servir de pretexto para a imprensa conservadora manifestar o seu ódio contra o proletariado.

São os jornais da Moagem, os vendidos, os que escrevem a tanto por linha que assumem atitudes hipócritas de ordem e de bom-senso. São, por vezes, esses mesmos jornais da Moagem que fingindo uma independência que estão longe de possuir, que insinuam que os militantes operários se venderam à Moagem.

A atitude da *Imprensa Nova*, por exemplo, que desinteressadamente armou em defesa do povo, chamando «vampiros, vampirinhos e vampiros» aos potentados, é muito curiosa.

Os que caíram na patética de acreditar na sua sinceridade, devem ter notado como repentinamente o jornal do povo mudou o rumo às suas campanhas epilépticas.

O inimigo, a Moagem, o Polvo, não é agora incomodado. Todo o rancor da *Imprensa Nova* se dirige agora contra os operários, contra os que se revoltaram contra o Polvo, que ela insultava em letras de palmo e meio. O alvo dos dardos envenenados do heróico periódico voltou-se, precisamente na ocasião mais crítica, contra o povo consumidor.

Como explicar tal contracenso? Talvez disso possa dar conta quem viu na véspera da greve geral, alguém da *Imprensa Nova* pedindo dinheiro ao Polvo.

E o pedido foi atendido, com certeza, visto que o jornal *desassombrado*, o jornal que não se vendia se calou miseravelmente.

U. S. O.

O Conselho de Delegados, ontem reunido, ocupou-se, entre outros assuntos respeitantes ao último movimento contra o encarecimento do pão, das atitudes e calúnias que se tem maliciosamente feito correr sobre a conduta da organização no citado movimento.

Reuniu ontem o Conselho Central, fazendo-se representar os seguintes organismos: Imprensa, Tipógrafos, Litógrafos e Anexos, Conselho Inter-federativo, Encadernadores e Anexos e Núcleo de Viana do Castelo.

Foi apreciado, por alguns delegados, o último movimento pró-barateamento do pão, os quais censuraram asperamente todos aqueles que tem feito correr boatos em desabono da U. S. O., contribuindo por esta forma para a desmoralização da classe trabalhadora.

Tratou-se também da situação das camaradas que, devido ao último movimento, foram irradiados por algumas empresas jornalísticas e casas de obras.

Compositores Tipográficos

Reuniu ontem, juntamente com a Comissão Administrativa, o quadro do jornal *A Epoca*, o qual apreciou as «demarques» junto daquela empresa, que se encontra disposta a não aceitar

ta Norte da F. P. E. C.; 4.ª — Leitura, discussão e votação da tese «O câmbio e os salários», elaborada por F. Rodrigues Loureiro, delegado do Conselho Geral (Zona Sul) da F. P. E. C.; 5.ª — Leitura, discussão e votação da tese «Métodos de luta», elaborada pela Junta Norte da F. P. E. C.; 6.ª — Leitura, discussão e votação da tese «Deficiências da organização e meios de as combater», elaborada pela Junta Norte da F. P. E. C.; 7.ª — Nomeação da mesa para a sessão seguinte.

A's 20 horas — 4.ª sessão

Ordem da noite

1.ª — Leitura, discussão e votação da acta da sessão anterior; 2.ª — Leitura, discussão e votação dos pareceres elaborados pela respectiva comissão; 3.ª — Leitura, discussão e votação da tese «Caixa de Auxílio aos Empregados no Comércio», elaborada por Oliveira Lages, delegado do jornal *O Cateiro do Sul*; 4.ª — Leitura, discussão e votação da tese «Descanso semanal e Horário de Trabalho», elaborada pela Junta Norte da F. P. E. C.; 5.ª — Nomeação da mesa para a sessão seguinte.

DIA 4

A's 12 horas — 5.ª sessão

Ordem do dia

1.ª — Leitura, discussão e votação da acta da sessão anterior; 2.ª — Leitura, discussão e votação dos pareceres elaborados pela respectiva comissão; 3.ª — Leitura, discussão e votação da tese «Relações Nacionais», elaborada pela Junta Norte da F. P. E. C.; 4.ª — Leitura, discussão e votação da tese «Relações Internacionais», elaborada pela Junta Sul da F. P. E. C.; 5.ª — Nomeação da mesa para a sessão seguinte.

A's 20 horas — 6.ª sessão

Ordem da noite

1.ª — Leitura, discussão e votação da acta da sessão anterior; 2.ª — Leitura, discussão e votação dos pareceres elaborados pela respectiva comissão; 3.ª — Leitura, discussão e votação da tese «Relações Nacionais», elaborada pela Junta Norte da F. P. E. C.; 4.ª — Leitura, discussão e votação da tese «Relações Internacionais», elaborada pela Junta Sul da F. P. E. C.; 5.ª — Nomeação da mesa para a sessão seguinte.

A's 12 horas — 5.ª sessão

Ordem do dia

1.ª — Leitura, discussão e votação da acta da sessão anterior; 2.ª — Leitura, discussão e votação dos pareceres elaborados pela respectiva comissão; 3.ª — Leitura, discussão e votação da tese «Relações Nacionais», elaborada pela Junta Norte da F. P. E. C.; 4.ª — Leitura, discussão e votação da tese «Relações Internacionais», elaborada pela Junta Sul da F. P. E. C.; 5.ª — Nomeação da mesa para a sessão seguinte.

A's 20 horas — 6.ª sessão

Ordem da noite

1.ª — Leitura, discussão e votação da acta da sessão anterior; 2.ª — Leitura, discussão e votação dos pareceres elaborados pela respectiva comissão; 3.ª — Leitura, discussão e votação da tese «Relações Nacionais», elaborada pela Junta Norte da F. P. E. C.; 4.ª — Leitura, discussão e votação da tese «Relações Internacionais», elaborada pela Junta Sul da F. P. E. C.; 5.ª — Nomeação da mesa para a sessão seguinte.

FADO E' o grande sucesso da Companhia António Macedo que trabalha no

Teatro Maria Vitória

Todas as noites em duas sessões

TEATRO APOLO HOJE AS PUPILAS DO SENHOR REITOR O mais gracioso e deslumbrante espectáculo Optimo desempenho

UMA POSTURA INTOLERAVEL

A Câmara Municipal acaba de dar um fundo golpe nas facilidades de trabalho da Construção Civil

Afirmámos no número anterior deste jornal que a limpeza dos prédios da cidade vinha sendo feita, de 6 em 6 anos, de harmonia com uma postura camarária aprovada em 1 de Junho de 1889.

Há um pequeno lapso nesta afirmação que vamos desfazer, o que, aliás, nos parece conveniente, para se ver bem o critério que presidiu à elaboração da postura-burra contra a qual nos temos insurgido nestas colunas.

A 24 de Junho de 1921, isto é, há 2 anos, a vereação que geria os destinos do Município, apesar de ter feito inúmeras asneiras dentro d'ele, aprovou uma postura sobre reparações e limpeza de edifícios particulares que, é justo confessar, era muito superior, sob todos os pontos de vista, à que vigorava anteriormente e à que foi há pouco aprovada pelo actual edilidade.

Assim, na postura aprovada em 1 de Junho de 1889, estabelecia-se, apenas, que em todos os prédios e suas pertenças, as empenas das paredes anteriores e posteriores que não estivessem encalçadas ou forradas de azulejo ou pedraria, seriam rebocadas, caiadas ou pintadas de seis em seis anos e na mesma ocasião lavadas as cantarias respectivas.

Estabelecia ainda a referida postura, que «os muros de quintas, jardins ou quintais, pátios e cercas dentro do antigo concelho de Lisboa, também seriam rebocados, caiados ou pintados pelo lado exterior e no mesmo prazo de seis anos».

«As portas, janelas e respectivas grades e caixilhos, para a parte exterior dos prédios ou dos muros, de acordo com a citada postura, deviam ser pintadas, ordinariamente, de 12 em 12 anos, pelo menos».

Porém, como as frentes, posteriores e anteriores, eram pintadas de 6 em 6 anos, os proprietários, como é natural, na ocasião em que se pintavam as fachadas dos seus prédios, mandavam pintar, também, as portas janelas e caixilhos pela face exterior, pela conveniência de preservarem as madeiras do contacto do tempo e para evitarem, portanto, a circunstância de as terem de reparar ou substituir, o que lhes saíria muito mais dispendioso.

No intuito de alargar mais a fiscalização de reparações e limpeza de edifícios particulares, tornando-a extensiva até ao saguão, alguns dos quais eram verdadeiros focos de infecção, estabeleceu a postura aprovada em 24 de Junho de 1921, que «em todos os prédios particulares e suas pertenças, as fachadas anteriores, posteriores, laterais e os sobre pátios ou saguões interiores, as empenas, coberturas e muros de vedação, assim como as escadas, serão reparadas nos seus rebocos e caiadas ou pintadas de 6 em 6 anos».

AS GREVES

Pessoal da Exploração do Porto de Lisboa

Voltou a reunir ontem esta classe, a quem a Comissão de Melhoramentos comunicou que o conselho de administração persiste em não a querer receber, de maneira que se não conseguiu saber em que situação fica o pessoal do tráfego em face dos avisos, publicados pelo mesmo conselho nos jornais burgueses, de que a partir de 15 do corrente os cais serão tornados livres.

Depois de terem usado da palavra representantes da Federação Marítima, foi aprovado que este organismo tomasse conta do movimento, para o qual, como início dos seus trabalhos, vai enviar ao conselho de administração a fim de definir a sua atitude e, segundo a resposta, o mesmo organismo trair o caminho a seguir.

Fazendas para homem e senhora Vende VIRGILIO ARRABANO COVILHÁ

A questão do inquilinato

Será desta vez?

Informam da Arcada: Como noutro lugar noticiámos, o Conselho de ministros na reunião de ontem apreciou o projecto de decreto que o sr. ministro da justiça vai publicar, regulamentando algumas disposições da lei do inquilinato, que prestado-se a erradas interpretações tem dado lugar a que os seus senhores pratiquem toda a casta de tropelias.

O projecto foi aprovado, com umas ligeiras alterações, acerca das quais o dr. sr. Abranches Ferrão deverá conferenciar com o conselho central das juntas de freguesia, numa reunião que aprazou para hoje, no seu gabinete.

O Conselho Central das Juntas de Freguesia, instou ontem com o sr. ministro da justiça, para que o decreto, que põe termo aos abusos que vários senhores estão fazendo à sombra da actual lei, seja publicado o mais rapidamente possível.

O dr. sr. Abranches Ferrão prometeu que o decreto mandando suspender os mandatos de despejo, será publicado brevemente.

HOJE, 1.º Teatro Nacional A's 21h12

A comédia-farça

O Cabeça de Turco

Enredo originalíssimo Situações imprevisíveis Explêndido conjunto Exitos absolutos Mise-en-scene deliciosa Uma noite admirável

VIDA SINDICAL

Classes que reclamam

União Ferroviária NOTA OFICIAL

A comissão que o ministro do Comércio apresentou as reclamações dos ferroviários do Estado, acerca da nova organização, constata, em presença do que se passou nas suas últimas reuniões, que a importante questão que tanto tem agitado a classe, não tem tido da parte de quem compete, as atenções que merece.

O sr. ministro do Comércio que vem há mais de 4 meses fazendo promessas de estabelecer a forma de reclamação de aumento de salário, seria conveniente que se fizessem representar todas as oficinas optando-se pela representação de um delegado por cada secção ou especialidade isto quando se refira a casos de trabalho onde exista grande número de pessoal.

S. U. da C. C. — Secção dos carpinteiros. — Reuniu a comissão administrativa que deliberou convocar com a maior brevidade por meio de avisos directos, uma assembleia geral, para apreciar o movimento de protesto contra o encarecimento do pão e tratar de assuntos que com ele se relacionam.

Federação da Construção Civil — Conselho Federal. — Conforme foi resolvido na anterior reunião, volta este conselho a reunir hoje, às 20 horas.

Federação de Calçado Couros e Peles. — Reúne hoje, pelas 21 horas, o conselho federal para resolver assuntos de grande importância.

S. U. C. C. — Todos os que tem em seu poder listas para os presos por questões sociais devem vir entregá-las à sede com maior brevidade.

Secção profissional dos serventes. — São convidados os camaradas militantes a reunir hoje, pelas 21 horas, para tratar de um assunto da máxima importância.

Cabouqueiros e Fabricantes de Cal. — Reunem hoje, às 20 horas, em assembleia geral.

Maquinistas Fluviais. — Reunem hoje, em assembleia geral, às 20 horas, para tratar de assuntos que se prendem com aumento de salário em consequência do encarecimento do pão e com a pesca.

Fazendas para homem e senhora Vende VIRGILIO ARRABANO COVILHÁ

POR ESSE MUNDO FORA

ITALIA

Manifestações contra a Grécia TRIESTE, 31. — A noite passada uma grande multidão guiada por um indivíduo conduzindo uma bandeira grega, atravessou a rua tendo parado na Piazza Libertà onde a queimaram, tendo depois maltratado vários gregos que encontraram.

Assassinato dum chefe fascista TRIESTE, 31. — Morara, secretário do partido fascista de Trieste, foi assassinado a tiro numa das ruas desta cidade. Fecharam todos os estabelecimentos. A bandeira tricolor está a meia haste. As ruas estão sendo paltradas por «camisas negras». Morara, era um amigo íntimo do senhor Mussolini.

Secção TELEGRAFICA

Federações CONSTRUÇÃO CIVIL

Américo dos Santos. — Póvoa de Santa Iria. — Precisamos de falar a propósito dos estatutos para o Sindicato.

MOBILIÁRIA

Delegação Federal do Norte. — De Braga dizem esperarem-vos amanhã. Conveniente não faltar. Mandem informes.

Sindicato de Guimarães. — Respondam ao ofício enviado.

VIDA ANARQUISTA

Os Mártires. — Reunem hoje, às 18 horas.

Pré-presos por questões sociais

Para assunto urgente, reúne hoje, pelas 21 horas, a Comissão Central.

Fazendas para homem e senhora Vende VIRGILIO ARRABANO COVILHÁ

Vamos, vamos, vamos, todos... — Onde? — Ora, onde... ao

Teatro São Luís

vêr o lindo

FADO CORRIDO

Apoiado!!!

Ultimas noticias

CÂMARA MUNICIPAL

O pedido de aumento de tarifas da Carris

Reuniu ontem extraordinariamente a vereação que aprovou por unanimidade a seguinte proposta do sr. Luís Soares:

Diz o art. 12 do contrato de 28 Março de 1922, celebrado entre esta Câmara Municipal e a Companhia Carris de Ferro de Lisboa: Continuarão a subsistir, em tudo quanto não colida com a presente escritura, os contratos existentes entre a Câmara e a Companhia, bem como o acordo publicado por edital de 30 de Novembro de 1920. Diz a clausula C. do referido acordo:

«A Companhia fornecerá mensalmente à Câmara um mapa estatístico sobre despesas com combustível, pessoal de todos os serviços, bem como o número e preços de bilhetes vendidos em cada carreira e número de carros em serviço por carreira».

Não colidindo as disposições desta clausula com quaisquer disposições do contrato de 28 de Março de 1923, substituído, por consequência em todos os seus fechos, conforme determina o citado artigo 12.º, proponho que a Câmara Municipal de Lisboa exija da Companhia Carris de Ferro a exacta observância da clausula e do acordo de Novembro de 1920, como condição indispensável para avariar das razões de qualquer proposta de aumento do preço de tarifas, e recuse desde já, sem outra base, o aumento agora proposto, apenas para que, decorridos os 30 dias a que alude o art. 6.º do contrato, a referida Companhia não venha alegar que não foi tomada deliberação acerca do seu pedido e em harmonia com as disposições do art. 7.º, se julgue no direito de considerar aprovada a sua proposta para todos os efeitos legais».

O conflito italo-grego

Mussolini ameaça a imprensa...

ROMA, 31. — O governo publicou a seguinte declaração importante: «O governo condena os jornais a uma grande discreção e moderação em tudo o que publicarem. Movimentos militares verdadeiros ou supostos não devem ser publicados por motivos óbvios. O governo conta com o patriotismo da imprensa italiana. Se for necessário adoptar medidas repressivas, serão imediatamente adoptadas».

e... ameaça a Grécia

«A Itália não declarará a guerra, não aceitará declaração de guerra». Encontramos motivos suficientes da culpabilidade do governo grego ao crime inaudito contra a nação italiana. A nota grega é redigida muito diferentemente do que se esperava, tornando impossível qualquer entendimento. Por isso somos impelidos a usar de métodos coercitivos praticamente sancionados pelo uso internacional desde há muito. Numerosos exemplos há nos últimos anos.

A Alemanha, a Inglaterra e a Itália bombardearam San Carlos na Venezuela e capturaram os navios de Venezuela para obrigar esse governo a pagar os seus débitos. A França bombardeou Zappelen, residência real grega de Atenas para obrigar a Grécia a uma indemnização pela morte de alguns marinheiros franceses. Há poucos anos os Estados Unidos bombardearam e desembarcaram tropas em Vera Cruz, Usaremos de métodos coercitivos contra a Grécia, ocupando algumas ilhas, cidades da costa e alguns portos. Tomar-se há posse da alfândega de Pórtia que ocuparemos até receber a indemnização exigida».

O começo das hostilidades

ROMA, 31. — O couraçado italiano «Premuda» intimou o comando militar da ilha Corfú à rendição imediata. A esquadra italiana aproxima-se da costa helénica.

A queda do marco

ROMA, 31. — Nota-se, segundo comunicações de Berlim, uma profunda decepção com a queda do marco que desceu a 50 milhões por libra, quando se contava com um levantamento financeiro com a subida do novo gabinete. Assinala-se que cada dia a exportação diminui nas e também a entrada de valores na Alemanha vindos do estrangeiro.

A ocupação do Ruhr

Incêndio de minas

DORTMUND, 31. — Estão a arder os poços de minas de Schür próximo desta cidade. Estão em chamas 500 mil toneladas de carvão de pedra e 300 mil toneladas de coque.

Contra as Trade-Unions

BERLIM, 31. — Depois de terem falado em demonstrações separatistas em Munique foram expostos vários representantes das Trade-Unions

A BATALHA

AS GRANDES REUNIÕES

O Congresso dos Operários Tãozeiros

incluiu no passado domingo os seus trabalhos na sede da Associação dos Caixeiros de Lisboa, votando, na terceira sessão, a constituição da sua Federação de Indústria

Na rua António Maria Cardoso, sala da Associação dos Caixeiros, iniciou no passado domingo, 26, os seus trabalhos, o Congresso dos Operários do Ramo da Tanoaria. De entre os trabalhos apresentados ao Congresso, alguns demonstram uma grande vontade de acatar, boas qualidades de trabalho que devem ser canalizadas pelo melhor caminho. A Comissão Organizadora fez uma interessante distribuição de assuntos para as sessões, não descurando as condições económicas e as condições industriais, mas fazendo ressaltar a necessidade de instruir e educar os operários daquele ramo de produção.

Sessão inaugural

Estão presentes 23 delegados, representando respectivamente as associações dos Tãozeiros, Mecânicos, e Moços de Armazéns de Vinhos de Lisboa, Tãozeiros do Porto e Gaia, Tãozeiros de Almeida e respectivas secções sindicais. Tavares Adão, em nome da Comissão Organizadora, declara aberto o Congresso e, num curto discurso, demonstra a necessidade de unificação das classes da tanoaria para assim poderem enfrentar o momento social presente.

Em seguida, convida a tomar a presidência o delegado de Porto e Gaia, Tomás de Oliveira, que se faz secretária por José Martins, delegado dos Mecânicos da Tanoaria de Lisboa e Acácio Inácio da Costa, delegado dos Tãozeiros de Almeida. O presidente, saudando o Congresso, agradece a honra concedida ao organismo que representa e faz votos pelo bom resultado dos trabalhos que vão seguir.

Saudando o Congresso e toda a Organização Operária, usou em seguida da palavra Joaquim Martins, delegado de Dois Portos, José da Silva, dos Tãozeiros de Lisboa, Artur José Evaristo, dos Tãozeiros de Almeida e José Martins dos Mecânicos.

António de Oliveira Leite, delegado dos Tãozeiros de Almeida, louva o trabalho da Comissão Organizadora e salda o Congresso. É necessário seguir o bom caminho — diz — a solidariedade deve ser a inspiração dos tanozeiros no futuro. Espera que todos, como ele, cumpram o seu dever.

David de Seixas, delegado de Bombarral, salutando o Congresso alude à disparidade de situações das classes da tanoaria.

Em seguida, o presidente dá a palavra ao delegado da C. G. T. Santos Arranha que apresenta as saudações de todo o proletariado organizado.

Lembra aos congressistas as responsabilidades que os acompanham na sua missão, exaltando a necessidade que dos organismos representados saia uma intensa e séria propaganda conducente a levar os trabalhadores a sua mais próxima emancipação, quebrando as garralhas com que a sociedade capitalista os pretende imobilizar. Diz ser grave a hora presente e que não obstante a crise geral, económica, industrial e moral, em que a sociedade se debate, uma força, a Organização Operária, se conserva incólume. Descreve a estrutura da organização sindical e afirma bastar-se ela a si própria. Termina por dizer que não deve qualquer classe deixar-se avassalar pelo espírito corporativista e angustia o melhor resultado do Congresso a bem da organização e da Humanidade.

Manter um jornal seu, lutando com a falta de instrução e educação dos seus componentes. Termina afirmando a disposição do seu Sindicato em auxiliar no máximo o «Tãozeiro», órgão de toda a classe.

José Martins, relator da tese, lembra que não basta a manutenção e defesa dum órgão corporativo, portanto aconselha os congressistas a fazerem a máxima propaganda do jornal «A Batalha», órgão da C. G. T.

A tese foi aprovada. A U. S. O. foi aprovada uma saudação à U. S. O., pela tenacidade empregada na defesa do tipo único de pão.

A sessão foi encerrada às 18,30 horas.

3.ª Sessão

Aberta às 10 da manhã de 27, sob a presidência de Artur José Evaristo, delegado de Almeida, secretariado José da Silva dos Tãozeiros de Lisboa e Manuel da Costa, dos armazéns de Vinhos de Lisboa, verificou-se pela chamada que faltaram alguns delegados, contra o que protestou Faustino Ferreira da C. O. e Tomás de Oliveira do Porto e Gaia.

Tavares Adão da Comissão Organizadora, fez a leitura da tese sobre as bases orgânicas da Federação Nacional dos Operários do Ramo de Tanoaria e Comércio Vinícola, que entra em discussão na especialidade.

Sobre o artigo I, o delegado da C. G. T., usa da palavra para demonstrar que o título escolhido para a nova Federação representa um desdobramento na Organização, visto existir já uma Federação dos Empregados no Comércio que agrega todos os trabalhadores do ramo da distribuição.

Em defesa do título expresso na tese, falou Tavares Adão e Faustino Ferreira, ambos da C. O.

Acácio Costa, delegado de Almeida, diz não ser já de agora que a Central dos sindicatos não concorda com a anexação dos moços de armazém à tanoaria, visto que já em 1919, por determinação do Congresso Operário Nacio-

nal realizado em Coimbra, esses trabalhadores passavam à Federação dos Empregados no Comércio, o que se não verificou pelo desinteresse com que aquela Federação viu o assunto e assim os moços continuaram desorganizados, pelo que concorda com a ligação.

Manuel Carapinha, dos Moços de Armazém, defende a ligação da sua classe aos tanozeiros, visto que foram eles quem os organizou.

João de Almeida, da C. O., defende também a ligação, a qual justifica com a dependência recíproca das duas classes, moços e tanozeiros, em casos de greves e outros de ordem industrial.

Depois de mais explicações do representante da C. G. T. sobre a estrutura da Organização, demonstrativas de que todas as especialidades do ramo do comércio defendem das várias especialidades dos ramos industriais, José Martins, dos mecânicos, propõe que se modifique o título da Federação para Federação dos Operários do Ramo de Tanoaria e Anexos. Sobre o assunto falou Manuel Carapinha, João de Almeida e Faustino Ferreira, sendo por fim aprovado a proposta que altera o título.

Aprovados sem discussão os artigos II, III e IV, é posto à discussão o artigo V que estabelece a defesa das disposições favoráveis para a indústria estabelecidas por lei e a intervenção na elaboração de qualquer projecto de lei.

O delegado da C. G. T., usa da palavra para afirmar que o artigo em discussão é anti-sindicalista, por estabelecer a colaboração com o Estado na manufatura de leis. Descreve a orientação e táticas da organização sindicalista e, ante a afirmação de Faustino Ferreira de que é necessário a defesa contra a invasão dos vasilhames estrangeiros, o representante da C. G. T. afirma, em nome da classe, que não se pode afirmar a sua vontade por via de representações, reclamações, etc.; ou ainda expor o seu sentir por intermédio do seu órgão corporativo. Depois de

uma discussão, o artigo V é aprovado. Sobre o capítulo IV, V e VI não incidiram discussões, pelo que são aprovados. Do capítulo VII, são aprovados todos os artigos, excepto o X, cuja doutrina ficou constituindo um parágrafo do artigo III do capítulo I.

Ficando assim aprovados os estatutos da Federação, foi encerrada a sessão às 13 horas.

M. R. — O extracto das sessões do Congresso dos Operários Tãozeiros, que amanhã acabaremos de publicar, não foi dado à estampa há mais tempo devido ao movimento de protesto contra o pão, que alterou os serviços deste jornal.

TEATROS & CINEMAS

Teatro Avenida

A reprise de «A revista de Praxedes» revista de André Brun, música de Vasco de Macedo

Volta de novo à scena «A revista de Praxedes».

Quando da sua primeira representação no teatro de S. Luis, tivemos o prazer de a ela nos referirmos favoravelmente, do que não nos arrependemos porque se trata duma revista completamente inofensiva, com agradáveis metros de música e que, numa palavra, deixam bem colocados André Brun e Vasco de Macedo.

Bem observados os números que constituem, bem acedados os ditos que a polvilham, muito a carácter os trechos musicais que a bordam, «A revista de Praxedes» fará agora no teatro Avenida a longa carreira, que fez no teatro S. Luis.

A substituição dos intérpretes não desvalorizou a peça, antes lhe deu mais relevo em certas personagens.

O público reconheceu isso, distinguindo com aplausos os actores e actrizes que mais lhe agradaram.

António Gomes, cuja reputação de actor cómico está de há muito, feita, manteve a assistência, durante toda o espectáculo, numa constante gargalhada. Dizendo com propriedade, destacando na inflexão, habilmente, os diálogos de maior recorte humorístico, deu à revista o colorido burlesco que o autor lhe imprimiu.

Raquel de Barros, cantando com afinidade, completou com inteligência o trabalho da primeira figura masculina.

Bem montada a peça, com cenários vistosos e alheios a espalhafatos, bem vestida e bem interpretada, não admira que a sua vida se estenda pela época adiante, recreando o espectador e agradando a empresa, o que nos parece justíssimo.

Merceu uma referência especial à bailarina Aurora Martins que foi esbelta e graciosa em todos os números que lhe couberam.

Os pequenos papeis foram desempenhados com correcção, o que nem sempre sucede, motivo porque registamos o facto gostosamente.

Nogueira de BRITO

Réclames

Ontem o drama *Pupilas do sr. Relator* levou ao teatro Apolo uma forte e enérgica. Não há dúvida de que a peça, quando bem compreendida, há de agradar em cheio.

No Maria Vitória continua obtendo coloridos aplausos a *Fado Corrido* que se repete todas as noites em duas sessões.

CARTAZ

NACIONAL — A's 21,5 — «O Cabeça de Turco».

S. LUIS — A's 21,45 — «Fado Corrido».

POLITEAMA — A's 21,15 — «A Fera».

APOLLO — A's 21,15 — «As Pupilas do sr. Relator».

AVENIDA — «Revista de Praxedes».

EDENTATRO — A's 21,25 — «Expediente permanente de Variedades» estrangeiras.

MARIA VITÓRIA — A's 21,45 e 21,45 — «Fado Corrido».

GIL VICENTE — A's 21 — «Flores».

PÃO-VENENO

Numa padaria da Moagem, na rua dos Prazeres, 11, foi Maria Fernanda adquirir dois desses famosos pães de 180. Um deles era mais alvo e outro mais escuro. O preço não diferia. Caíram na Moagem.

O pão deve ser o mais variável possível. Mas o tipo obtemperado. — O tipo? Qual tipo? Não há tal. Há pão consoante à Moagem quer.

Trouxeram-nos um pedaço dum pão comprado numa padaria do largo do Menino de Deus. Um ingrediente qualquer manchava o miolo do pão. Respondeva: «Vê-lo». E assim que se envenenava impunemente o povo.

SOCIEDADES DE RECREIO

Sociedade Ordem e Progresso. — Realiza-se hoje, às 21 horas, uma reunião a favor do café, na qual tomam parte o trio «Os Serranos» e um distinto amante de ilusionismo. As senhoras tem entrada grátis.

JUVENITUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa — Sede Central. — Convida-se todos os filiados a vir à sede satisfazer as suas cotas em débito, encontrando-se um camarada para esse efeito todos os dias com os respectivos verbetes.

Convida-se também o secretário administrativo a vir à sede o mais breve possível, para assuntos importantes respeitantes à vida do Núcleo.

Secção de Belém. — Convida todos os filiados a vir liquidar as suas cotas em débito, encontrando-se um membro da comissão na sede para esse efeito.

VIDA POLITICA

Juventudes Comunistas. — Junta Nacional. — Reúne hoje, especialmente para apreciar a solução da crise partidária e reconstituir a organização juvenil na região portuguesa.

M. R. — O extracto das sessões do Congresso dos Operários Tãozeiros, que amanhã acabaremos de publicar, não foi dado à estampa há mais tempo devido ao movimento de protesto contra o pão, que alterou os serviços deste jornal.

SUCATAS

Compram-se por altos preços cobre, bronze, metal, chumbo, estanho, tipo, solda, zinco, Fe. Nova do Garrajo, 18, junto ao arco pequeno.

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Legítimo Metal Auer privilegiado e acreditado universalmente por ser a única que faz bom fósforo.

LIMAS

As melhores são as da União. Tomam Feteira. Vieira de Leiria. Pedra em todas as indústrias de ferragem. Realizam em preços e tempo com as melhores condições.

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metal Auer, assim como rodas, rodas e mactissas, tubos, molas, chaminés de 2 e 3 peças, tampões. Vendem-se no Largo do Conde Barão, n.º 55.

“A BATALHA” NA

e nos Arredores

SILVES

27 DE AGOSTO

Uma infrutífera «operação moral» dum médico sem moral

Vamos hoje ocupar-nos nas colunas de «A Batalha», dum caso que reputamos como expressão máxima da verdade.

Desde há tempo que a companheira de Domingos Passarinho, presidente da direcção da Associação dos Corticeiros, vinha sofrendo de uma enfermidade no abdómen que requeria uma intervenção cirúrgica.

Consultou para esse fim aquele camarada dois médicos, um deles o dr. José Emilio de Mendonça Vila Lobos, cavalheiro já fustigado nas colunas deste porta-voz, pela forma desumana como trata os doentes que não tem o condão de serem ricos, e ainda pela forma como rouba os seus clientes levando somas exageradíssimas pelos seus serviços.

O dr. Vila Lobos respondeu-lhe: «Sim senhor, faço a operação, que é trabalho para um mil e quinhentos escudos, mas como você é pobre não lhe vou nada, com a condição de me prestar um favor. Eu sei que na Associação dos Corticeiros, de que você tem a infelicidade de ser presidente, em várias reuniões se tem falado mal da minha pessoa, portanto, você traz-me uma acta dessa reunião, ao mesmo tempo faz desmentir em «A Batalha» tudo quanto o correspondente tem dito a meu respeito.

A tudo isto o camarada Passarinho respondeu como devia, repudiando a oferta e dizendo que não tinha nada a desmentir, e que o correspondente afirmou por ser a expressão da verdade.

Novamente o dr. Vila Lobos volta à carga: «Você, na próxima reunião, de me o que o correspondente da «A Batalha» disse a meu respeito e traz-me um documento em que a classe corticeira repudie o que esse correspondente publicou, pois não me importo de dar vinte contos».

PROVINCIA

Então sr. Peixe: tendo a câmara municipal um caleteiro para seu serviço, e indo ele calçar parte do quintal da sua residência, quem lhe pagou no fim da semana?

A conta de quem andaram trabalhadores da limpeza das ruas, na lavagem de vasilhames seu para baldeação de vinhos?

Andando um carro na limpeza das ruas, porque foi retirado deste serviço a fim de conduzir cá para as suas propriedades?

Quem pagou a três homens que, trabalhando por conta da câmara, foram calçar para a sua propriedade, denominada Corgos Fundos?

E em que condições foram as bestas empregadas na limpeza das ruas para a sua propriedade debulhar?

Então isto não são factos? Parte dos trabalhadores que lá andaram o tem afirmado.

Alhos Vedros

NA PRISÃO

POR MAXIMO GORKI

IV

Micha foi fazer então as suas abluções para a extremidade do corredor. Aí estava-se ali uma correnteza de torneiras de cobre, de onde a água fria corria em um jacto espesso e redondo para uma tina de metal. Ao longo do corredor iam e vinham os presos, vestidos de uniforme cinzento e sobranceiro de jarras de estanho. De espaço a espaço, ecoava o grito:

— E lá! Água quente.

Um forçado, que fazia tilintar as suas cadeias, passou: era alto e robusto, tinha o rosto pálido, a barba ruiva e muito espessa. Olhou o estudante, piscou o olho e disse sorrindo:

— Então, meu menino, também te deixaste prender?

O carcereiro levou a Micha uma tina de chá fraco, mas quente, e um grande pedaço de pão negro, cuja cozedura estava dura como a sola de uma bota, enquanto o miolo cheirava a pólvora.

Micha fez então as suas abluções para a extremidade do corredor. Aí estava-se ali uma correnteza de torneiras de cobre, de onde a água fria corria em um jacto espesso e redondo para uma tina de metal. Ao longo do corredor iam e vinham os presos, vestidos de uniforme cinzento e sobranceiro de jarras de estanho. De espaço a espaço, ecoava o grito:

— Porque estás sempre a recalçar? — perguntou-lhe a meia voz, com os olhos baixos. — Fazias melhor se estudasses... Podias vir a ser substituto do procurador. E um bonito lugar. Em vez disso estás sempre a reger. Tens novo, tem simpatia... Tens não, não é verdade?

Estas palavras moveram Micha. Parou, pôz-se a rif, e levando a mão ao peito, ia para responder com a mesma bondade, quando o carcereiro, assustado, recuou, olhou em volta de si e murmurou vivamente:

— Anda! Anda! Se nos vêm, sou punido por ter falado! Compreendes? Afastou-se e desapareceu por detrás do muro da prisão. O manco, cheio de um complexo sentimento de tristeza, de curiosidade e de consolação, começou a andar vagarosamente de um lado para o outro, ao longo da alta muralha de pedra.

Edifício da prisão, de um cinzento sujo, era pouco elevado e flanqueado de torções, nos ângulos. Parecia afundar-se pela terra, sob o peso do céu, cujo azul empalidecia como que desbotado pelas chuvas do outono. Igualmente este céu tranquilo e deserto, as paredes húmidas da prisão espalhavam um odor de frio e de tristeza.

— Quanto tempo estarei ainda aqui? — pensou Micha.

Pareceu-lhe que mesmo agora já poderia narrar muitas coisas interessantes acerca do cárcere, se o pusessem em liberdade. E de novo, julgou ver a rua, a multidão, a rapariga, as silbuetas negras dos soldados.

Absorvido pelos seus pensamentos não reparou em que o tempo do passeio se dissipara rapidamente, senão quando o guarda se aproximou dele e lhe disse:

— Volta para o teu quarto!

Ele exclamou, cheio de admiração:

— Já?

O carcereiro meneou a cabeça afirmativamente. No corredor, confiou amavelmente a Micha:

— Minha mãe está em um asilo... Ebeixou a cabeça com um ar de culpado.

— Ah! Então não está mal! — disse Micha sorrindo, e sem encontrar palavras mais consoladoras.

Novamente a pesada porta se fechou sobre ele, novamente o ferrolho e o cadeado rangeram com furor.

Micha parou a mirar a cela; depois sentou-se na cama, e de súbito, todos os seus pensamentos, todas as suas sensações pareceram fundir-se; fez-se dentro dele um vácuo estranho e sentiu o seu espírito gelar em uma espécie de solidão.

— Era assim que a sua vida se esboçava, monótona, regulada, uniformemente sombria... Mas cada hora fazia cair em sua alma uma gota ínfima de qualquer coisa não experimentada, e cada impressão, por minúscula que fosse, lhe parecia cheia de brilho sobre o fundo sombrio daquela existência.

V

A ronda tinha já sido feita há muito; a prisão dormia sob um pesado sono

